

Ciem fez alunos e líderes na década de 60

JÚLIO MOSQUERA

O presidente eleito, Fernando Collor de Mello, conheceu na prática diária, quando na década de 60 estudou por dois anos e meio no Centro Integrado de Ensino Médio de Brasília (Ciem), o modelo ideal de escola pública e gratuita, em nível secundário, que pode trazer de volta às salas de aula uma educação de qualidade. No Ciem, o aluno permanecia os períodos da manhã e da tarde absorvendo em atividade intelectual, esportiva e de lazer. A orientação era dada por professores preparados não apenas para aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade, mas também para fazer o estudante desenvolver sua capacidade de pensar, criticar e criar. Veja matéria abaixo.

Essa experiência de sucesso do ensino brasileiro ganha relevância agora, 20 anos depois, quando a equipe de transição do Governo Collor para a área de educação começa a traçar o plano de trabalho a ser aplicado nos próximos cinco anos. Após usufruir de um ensino custeado pela União, e diante das promessas de reabilitar as escolas públicas do País, o presidente deve ter em mente algo semelhante ao que ele mesmo vivenciou por opção.

Uma primeira reunião realizada na semana passada entre a equipe de Collor e 14 membros do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) deu início à troca de informações. O encontro serviu para que os secretários cobrassem o compromisso assumido por Collor de combate à corrupção, fim das isenções e corte da grande maioria dos subsídios.

O Consed está de olho na arrecadação proveniente da prometida campanha contra o desperdício.

Uma maior captação de recursos significa mais verba para o ensino, o que a entidade coloca como ponto de partida de qualquer política educacional. O dinheiro destinado às escolas e universidades públicas para 1990 está abaixo do suficiente até mesmo para manter o nível atual de educação.

Segundo a secretária de Educação do Paraná, Gilda Poli, "se o presidente Collor desejar simplesmente manter a qualidade de ensino praticada hoje no Brasil, será preciso um acréscimo de 15 a 20 por cento de recursos sobre o montante já destinado à área". Esses números não consideram a remessa de verba pública para as escolas particulares, prática que ela afirma ter sido corriqueira nos governos anteriores.

Não há objeção do Consed quanto à existência da escola particular. Constitucionalmente elas têm assegurado o direito de operar mas "jamais à custa dos recursos do MEC", ressalta a professora Poli.

A cobrança dos secretários de Educação desloca-se para o eixo do ensino mantido pelo Governo. De imediato, consideram eles, é preciso uma reformulação da educação praticada nas escolas públicas, oferecendo ao estudante a oportunidade de escolher entre uma e outra. Assim como fez o presidente Collor, o empresário da construção civil, Paulo Octávio, o presidente do PT/DF, Orlando Carriello, o reitor da Universidade do Mato Grosso, Frederico Miller, o presidente do Grupo OK, Luiz Estevão de Oliveira, a elogiada escritora Ana Maria Miranda, o professor e jornalista Hélio Doyle, e muitos outros, de sucesso em suas carreiras profissionais que optaram pelo CIEM.

JEFFERSON PINHEIRO



Da inédita experiência do Ciem, pouco restou. O antigo prédio foi doado e agora funciona o ambulatório do HDA

Experiência de vanguarda só durou 7 anos

As salas de aula do Ciem permaneceram abertas por sete anos. De 1964 a 1970 o Centro trabalhou focalizando a educação sob prisma humanístico. A autonomia da UnB conseguiu sustentar a idéia de ensino integral público e aberto, "uma vanguarda para o País durante esse período, apesar das pressões vindas do autoritarismo político", avalia a professora Teresinha Rosa Cruz, que organiza o livro "Ciem/UnB. Uma experiência de Educação Interrompida".

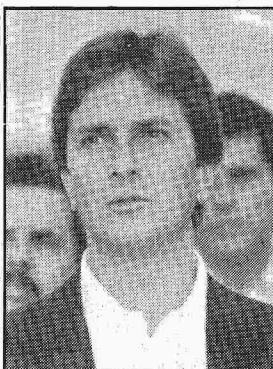
Mas com a posse do reitor Benjamin Dias, o projeto da UnB teve o seu fim. Para ele, o Ciem era "uma fábrica de subversivos, uma escola muito cara para o tipo de educação, e muito complicada", recorda a professora Teresinha. Veio em 1971 a cassação do direito de funcionamento, acompanhada de demissão em massa de seus professores. Os sete anos em que a escola esteve sob vigilância dos órgãos de segurança não foram suficientes para desmantelar a experiência.

"Hoje compreendo que acabar com o Ciem aos poucos, minando-o, ou reduzindo sua ação, criando-lhe empecilhos de toda sorte, seria extremamente problemático, porque constituía ele um só corpo".

O prédio onde funcionava o Ciem foi doado à Fundação Hospitalar do Distrito Federal. No local está instalado o Ambulatório do Hospital Presidente Médici (605 Norte). Da documentação da escola quase nada sobrou.

Ex-alunos notáveis (e diferentes...)

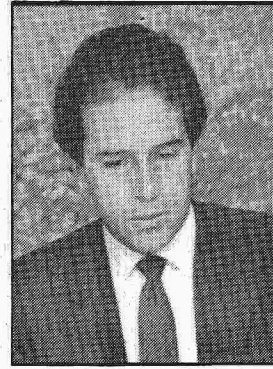
FOTOS: ARQUIVO



Fernando Collor, que disputou e perdeu uma eleição no Ciem, tornou-se naturalmente o ex-aluno mais ilustre



Orlando Carriello despontou como líder estudantil de esquerda. Hoje, é o presidente do PT em Brasília



Luis Estevão, hoje presidente do poderoso Grupo OK, viveu a experiência de um "colégio aberto, sem ortodoxia"



Teotônio Vilela Filho veio para o DF com o pai senador e estudou no Ciem. Hoje, é também senador, pelo PSDB -AL

O dia em que Collor perdeu

Estudar no Ciem era um privilégio não somente sob o aspecto da formação intelectual, mas ainda de liberdade de pensamento político, em um momento em que o regime militar afunilava o direito de manifestação. O presidente do Grupo OK, Luiz Estevão de Oliveira, viveu a realidade do Centro no final da década de 60: "Era um colégio aberto num País que estava se fechando, sem muitas das restrições que as escolas ortodoxas impunham a seus alunos".

E diante de um clima de liberalização, florescer líderes estudantis foi fácil. Nomes como o de Alvaro Lins Cavalcanti, proprietário da Cap Software, que durante o regime militar viveu 11 anos na clandestinidade; Orlando Carriello, presidente do PT/DF, Hélio Doyle, candidato a deputado Federal pelo PDT/DF, jornalista e professor da UnB, e muitos outros constavam dos boletins de frequência do CIEM.

Em 1967 Collor juntou-se a outros alunos para candidatar-se às eleições do Grêmio Estudantil.

Collor sequer encabeçava a chapa e conheceu o sabor da derrota. Para piorar, por apenas um voto de diferença. Destacavam-se os estudantes mais ligados ao movimento de esquerda, embora não existissem setores conservadores entre os membros do CIEM, conforme esclarece Luiz Estevão.

Atividades promovidas pelos professores do Centro davam aos estudantes a oportunidade de optar por profissões que não incluíam a política. De acordo com a escolha do aluno, ele era encaminhado para uma das equipes que realizavam práticas vocacionais. "Eu mesmo segui outro rumo, o de administração de empresas", fala Luiz Estevão.

Assim ocorreu com outros estudantes do CIEM. Mas o próprio Luiz Estevão admite que mesmo aqueles que decidiram por profissões desvinculadas da política continuaram a exercê-la. Paulo Octávio engajou-se na campanha de Collor e o nome de Luiz Estevão é sugerido com frequência para governador.

Idéia era estimular pensamento reflexivo

O Centro Integrado de Ensino Médio de Brasília (Ciem) nasceu em 1964 a partir da preocupação do então reitor da Universidade de Brasília, Darcy Ribeiro, e sua equipe, com destaque para o professor José Aloísio Aragão, de integrar os ensinamentos primário, médio e superior. A intenção foi a de criar um estabelecimento onde o aluno encontrasse auxílio no exercício de domínio do pensamento reflexivo. Segundo o presidente do Conselho de Educação de Brasília e diretor do Departamento de Direito da UnB, Carlos Mathias de Sousa, professor do Ciem durante cinco anos, "as aulas não eram muito expositivas, uma vez que buscávamos uma self discovery (autodescoberta) por parte dos alunos".

Um dos pontos fundamentais do processo educacional adotado no Ciem, era o de que ao professor não cabia simplesmente a tarefa de ensinar o aluno, mas, sobretudo, de ajudá-lo a aprender sozinho. O material de aula era preparado por uma equipe de

docentes — cada disciplina tinha a sua — numa adequação às necessidades do aprendizado. Dois grandes teóricos, John Dewey e Jean Piaget, forneceram os subsídios para o trabalho.

Idealizado para servir, também, como laboratório para experimentação e demonstração da Faculdade de Educação da UnB, das Licenciaturas Técnicas (ensino técnico comercial, industrial e agrícola) e normal superior, o Ciem aumentou o banco de dados dos professores, dando-lhes condições de melhoria da qualidade de educação praticada na Universidade. Os estudantes do Centro, em contrapartida, tinham contato com idéias novas, saídas de cabeças em sintonia com a realidade de repressão que vivia o País depois do golpe de 31 de março de 1964.

INGRESSO NO CIEM

Um projeto de vanguarda deveria contar com participantes selecionados. Para ingressar no Ciem, o aluno deveria submeter-se a uma bateria de testes que in-

cluía provas escritas e avaliação oral por uma banca examinadora. "Tínhamos na escola estudantes de excelente nível intelectual", salienta a secretária de Cultura de Brasília, Laís Aderne, professora de Geometria Descritiva e Análise da Arte, de 1967 a 1970.

Para demonstrar o nível dos cursos do Ciem, o professor Carlos Mathias lembra que o aluno só obtia a conclusão da disciplina de História quando, ao final do ano, apresentava uma monografia sobre um tema escolhido no início das aulas. "Não existia essa prova mensal que se faz hoje nas escolas. A avaliação era feita pela participação em aula e demais atividades acadêmicas", explica ele.

O sucesso dessa metodologia de avaliação estava baseado no adviser, uma espécie de conselheiro que acompanhava o desempenho do aluno em todas as atividades escolares. "Cada professor orientava um grupo de cinco ou seis alunos. Eram feitas fichas de

todos eles, onde ficava registrado o desempenho do estudante. Se houvesse uma queda de produção, chamávamos o aluno para uma conversa", exemplificou Carlos Mathias.

O ensino integral — de 7h30 às 12h e de 14h às 18h — representa uma educação de alto custo. Mas a formação dos alunos resgata todos os gastos e com dividendos. Os estudantes do Ciem, por exemplo, conseguiam ótimos resultados na UnB. "Nós estudávamos dois períodos e éramos muito exigidos. Era fácil fazer o vestibular da UnB para quem tinha o dobro de preparação de um aluno de escola comum", esclarece o presidente do Grupo OK, Luiz Estevão de Oliveira.

Carlos Mathias cita os nomes de Fernando Collor de Mello, Paulo Octávio, Luiz Estevão, Teotônio Vilela Filho, Denise Bandeira, Oscar Dias Corrêa Filho e outros para reforçar o sucesso do Ciem. "Basta olhar quem estudou conosco e ver o que é hoje. Está aí. Deu resultado".